

O que as redes contam sobre nós? Um estudo autoetnográfico da representação de si no Instagram

*Geórgia Maria Feitosa e Paiva¹
Fernanda Cunha Oliveira²*

Resumo

A escolha de uma autoetnografia visual para investigar as relações de gênero a partir das redes sociais é uma proposta ousada que pode abrir discussões sobre a nossa atualidade, tais como: as relações de gênero; a construção da imagem da mulher na cibercultura. Neste artigo, nos propomos a analisar, a partir da autoetnografia, a nossa representação enquanto mulheres na rede social Instagram. Para isso, nos baseamos nos estudos de Reed-Danahay (1997), Pelias (2007), Holt (2003), Chang (2008), Lakoff (2008), Goffman (1975), Levy (2003), entre outros para discutirmos questões inerentes a construção da identidade feminina nas redes, e para isso partimos do pressuposto que o perfil nesta rede social atua como um diário de campo, facilitando o processo empático entre o olhar das pesquisadoras e a suas próprias histórias representadas. No processo de autorreflexão, observamos que as maneiras pelas quais decidimos nos representar silenciam a nossa imagem, e deixamos outros protagonistas ocuparem a cena representada. Esse movimento, a nosso ver, pode ser sintomático de uma cultura pela qual o estereótipo de beleza feminina está atrelado a corpos magros e brancos. Assim, por receio do silenciamento, preferimos nos representar não nos apresentando diretamente, mas mostrando nosso trabalho, filhos e coisas que apreciamos.

Palavras-chave: Autoetnografia. Mulher. Instagram.

What do the networks say about us? An autoethnographic study of self representation on Instagram

Abstract

The choice of visual autoethnography to investigate the gender relations of social networks is daring that can open a proposal about ours, such from gender relations; the construction of the image of women in cyberculture. In this article, we propose to analyze, from autoethnography, our representation as women in the social network Instagram. For this, we rely on studies by Reed-Danahay (1997), Pelias (2007), Holt (2003), Chang (2008), Lakoff (2008), Goffman (1975), Levy (2003), among others, to challenge questions intrinsically, the empathic process between the gazes and that we start from the female profile of the networks, in this one from a social identity similar to the female profile in the field, to build their own identities. In the process of protagonists, we look for our quest, we look for our scene. This movement, in our view, may be symptomatic of a culture in which the stereotype of female beauty is linked to thin and white bodies. So, by reception of silencing, we prefer to represent ourselves directly, but that we appreciate our work and things don't.

Keywords: Autoethnography. Woman. Instagram.

¹ Professora do Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), membro permanente do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH). Doutora e mestra em Linguística, bacharel em Comunicação Social, membro do GELP-COLIN e Líder do Grupo de Pesquisa em Preconceito, Polidez e Impolidez Linguística (GEPPIL). E-mail: georgiafeitosa@unilab.edu.br Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2915-9416>

² Professora da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Mestra em Comunicação e Linguagens, especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem pela Universidade Federal do Ceará. Bacharel em Comunicação Social. Fotógrafa premiada e pesquisadora da imagem. Atuou como coordenadora do Museu da Fotografia Fortaleza (MFF). E-mail: fernandacoliveira345@gmail.com Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7805-6029>

Considerações iniciais

Estamos aqui diante dessas memórias e dessas imagens reescrevendo as histórias vividas, os momentos passados e no agora eternizados por meio dessas fotografias as quais iremos mergulhar para uma análise autoetnográfica visual.

Você vê?

Por onde estamos seguindo nos meios dessas fibras óticas.

Você sabe ler?

Será que eu sei escrever?

Estava lá!

Vêja.

Basta fechar os olhos para enxergar.

Ou é mais fácil fechar os olhos para a verdade?

É certo que as redes sociais têm atuado como palco da vida cotidiana, ora maquiada, editada, ora crua e reveladora. Neste texto, escrito em primeira pessoa do plural, duas mulheres, pesquisadoras e professoras propuseram-se a responder a seguinte questão: o que as redes falam sobre nós? E sim: este é o único momento do texto que falaremos sobre nós mesmas como objeto.

Para tentar responder àquela questão, fizemos uso da autoetnografia, que, em termos literais, significa a escrita sobre si. Como pesquisadoras da linguagem e da imagem, aprendemos que o fazer científico muitas vezes se funde com a dicotomia entre pesquisador e objeto, e neste caso, a autoetnografia rompe com essa barreira, surgindo em meio a uma crise da etnografia tradicional, sendo intitulada de ‘Nova Etnografia’, ‘Narrativa Pessoal’ ou ‘Autonarrativa’- recebendo vários títulos a esse novo gênero da antropologia.

Podemos dizer que a autoetnografia é a maneira do etnógrafo desenvolver a sua pesquisa a partir de uma perspectiva pessoal, cuja cultura e subjetividade do pesquisador caminham em conjunto, ora ele se compõe objeto do que vê e ora torna-se pesquisador. Com a autoetnografia, evidencia-se a capacidade do etnógrafo em se considerar sujeito participativo do contexto social ao qual está inserido, distinguindo-se da antropologia tradicional, a qual defende um distanciamento entre o pesquisador e o objeto de estudo. Devido a esta mistura de papéis, a autoetnografia é criticada por alguns como sendo etnocêntrica, narcisista ou por vezes romântica, embora outros autores a defendam com

veemência a efetividade e contributo da Autoetnografia como método apresentando excelentes resultados no meio científico e acadêmico (CHANG, 2008; REED-DANAHAY, 1997; ELLIS, 2009; VERSIANI, 2005; HOLT, 2003; SMITH-SHANK&KEIFER-BOYD, 2007).

Vanguardista, a autoetnografia nos convidou a lançar um olhar diferente sobre aquilo que contamos, publicamos em forma de imagens nas redes sociais da internet. Através destas redes traçamos uma narrativa cronológica capaz de classificar quem somos ou o que pretendemos parecer para nós mesmas e para os outros, que consomem nossas histórias, contadas em telas. Seria equivocado dizer que nós, detentoras desses perfis, somos as únicas autoras dessas histórias. Na verdade, nós e os outros nós³ das redes sociais atuam colaborativamente como autores dessas histórias escritas múltiplas linguagens.

Consideramos aqui a linguagem como um lugar de interação (KOCH, 2013), conceito que vai ao encontro da noção de cibercultura proposto por Levy (2009); deste modo, nossos seguidores não são meros expectadores das nossas imagens e legendas, eles recontam a nossa história, eles instigam novas cenas, compartilham, comentam, reagem, convergem e remixam. O cenário das redes sociais da internet obedece a dinâmicas interessantes, que vão além das interações presenciais. Recuero (2012) destaca para a mesclagem dos contextos públicos e privados e a presença de uma audiência invisível, composta por interações mais ou menos frouxas, que podem se reativar a qualquer tempo, independente do lócus temporal quando foram publicadas. Sendo assim, as imagens ali expostas não se aprisionam em contextos particulares, mas públicos e publicizáveis.

Nesse contexto de exposição, nos propomos a realizar um estudo autoetnográfico a partir das imagens que compartilhamos em nossos perfis pessoais na rede social Instagram. O recorte da nossa análise partiu da nossa descrição no perfil da rede social, nossa imagem inaugural e da nossa representação enquanto mulheres neste site de rede social, e adiantamos: não foi fácil fazer uma autoetnografia, apresentarmos-nos inteiras na própria pesquisa e escrever a nossa história a partir de um olhar antropológico e pela ciência, pois como diria Holt (2003, p.2) “whatever the specific focus, authors

3 Conforme Wasserman e Faust (1994), as redes sociais podem ser representadas por sociogramas, cujos nós são a representação das pessoas, os atores da rede.

use their own experiences in a culture reflexive to look more deeply at self-other interactions”.”⁴

Para a realização da imersão autoetnográfica, tomamos como base as etapas da pesquisa de Pelias (2007) e Chang (2008) que propõem a escrita experimental e participativa da relação subjetiva sobre o Eu em construção. Nós, pesquisadoras, mulheres, nordestinas e professoras desembarcamos na quinta etapa, cuja essência, como afirma Reed-Danahay (1997) manifesta-se por meio de uma escrita autoetnográfica, circuncidada pelas experiências e emoções que definem a pesquisa, ao passo em que buscamos dar a esta escrita um rigor acadêmico, afetivo, pessoal e histórico.

Além das considerações iniciais e finais, este artigo foi organizado em três tópicos, no primeiro discutimos sobre os pressupostos teóricos e metodológicos que circunscreveram a nossa pesquisa autoetnográfica; no segundo abordamos sobre como as relações de gênero podem estar imbricadas na nossa representação imagética; no terceiro tópico compartilhamos a análise autoetnográfica das imagens em nossos perfis do site da rede social Instagram. Diante disto, este texto é um convite a nossa imersão.

1. Autoetnografias: tessituras das nossas versões

A autoetnografia em sua base estabelece um tripé definido pela subjetividade, empatia e participação, cujo pesquisador sendo o próprio narrador, funda-se com o objeto a partir de uma pesquisa narrada em primeira pessoa, pela qual se constroem dados oriundos de sua experiência como sujeito e investigador da cultura, a qual está imerso.

No nosso caso, os sites de redes sociais, como comenta Recuero (2017), estão organizados dentro de uma cultura virtual das relações humanas, que se subdividem em nichos de interesse na cibercultura, pela qual os atores nas redes estabelecem interações mais ou menos frequentes, que podem intensificar ou atenuar os laços entre eles. Os laços podem ser preexistentes ou não, e podem ser alterados conforme há interação entre os atores.

Sabemos que sites de redes sociais também são lócus de negócios, de vendas de produtos, serviços e imagens. E nesse mesmo cenário há também a

permuta de capital simbólico subjetivo, afetivo e social, bens negociáveis por usuários comuns das redes. Nós, ao criarmos um perfil na rede social Instagram, nos sujeitamos a “doar” um pouco de nós mesmas para “receber” algo do outro: visibilidade, elogio, aprovação, por exemplo.

Na autoetnografia, consideramos que a escrita do “eu” representa de maneira particular a si mesmo, mas também o “outro”. Essa experiência estética fica bastante evidente nos sites de redes sociais, pois a escrita de si é a representação desse sujeito que vive, experiencia e participa daquela cultura espelhando os outros que estão naquele universo particular, subjetivo, mas convivem com ele em alguma instância na virtualidade e/ou na presencialidade. Um é produto do outro por interagirem e serem frutos de uma mesma cultura. Consideramos aqui, sem tirar de vista, as questões intrínsecas de cada um: “A goal of autoethnography is the use of self to explicate culture.”⁵ (PELIAS, 2007, p.3, apud, SMITH-SHANK, Deborah; KEIFER-BOYD, Karen, 2007).

Chang (2008) em seu livro “Autoetnografia como método” faz uma profunda reflexão sobre a relação do “eu” e o “outro” como resultado cultural. A autora defende que a cultura individual representa quem o indivíduo é e como um representa o todo na conseqüente cadeia cultural. Não necessariamente representa a todos, mas elucida o fato de que todos, em alguma medida, estão entrelaçados representando seus grupos e conseqüentemente a cultura do local.

Em nossos perfis na rede social Instagram, os modos pelos quais decidimos nos apresentar, a pose que escolhemos, os filtros, os ângulos, as legendas convergem para uma representação complexa que pode “sacudir” estereótipos ou confirmá-los. Neste ponto, confirmamos nossas afiliações culturais, sociais, ideológicas. Buscamos associação ao passo que nos desassociamos daquilo que não queremos pertencer.

Chang nos alerta para uma “simbiose da cultura e do povo” porque a cultura é resultado das relações humanas e como essas pessoas vivenciam juntas suas vivências, individualidades e relações interpessoais influenciando uns aos outros e convivendo em sociedade.

4 Tradução Livre: “qualquer que seja o foco específico, os autores usam suas próprias experiências em uma cultura reflexiva para olhar mais profundamente para as interações eu-outro”.

5 Tradução Livre: O objetivo da autoetnografia é o uso do self para explicar a cultura.

[...] imply that culture is about the psychological workings of an isolated individual; rather, it refers to individual versions of group cultures that are formed, shared, retained, altered and sometimes she through human interactions. These interactions may take place in “local communities of practice” in which “what particular persons do [is] in mutual influence upon one another as they associate regularly together”.(ERICKSON, 2004, p.38, apud, CHANG, 2008, p.17).⁶

Diante disso, a cultura é uma construção coletiva perpassada pelas histórias de vidas de cada um, narrativas atravessadas pelas histórias dos outros. Não há o “eu” sem o “outro”, e vice-versa. A sociedade é formada por indivíduos que representam e escrevem a história de uma civilização. Ainda que compreendamos que dentro de uma cultura temos grupos que se formam por afinidades, sejam elas intelectuais, raciais, fisiológicas, geográficas, regionais, etc., esses modos de ser, mesmo não querendo ser, acabam por abarcar representações ainda mais abrangentes, porque somos essencialmente seres sociais.

O ser humano necessita, para a construção de sua identidade, viver, ser, interagir e se sentir apreciado socialmente (ALLPORT, 1979). É através dessas relações que construímos as comunidades, e dentro delas, todas as nossas representações, e para que elas vivam minimamente em harmonia, a própria sociedade cria padrões de comportamento, seus códigos de moral e ética, fruto de experiências coletivas que estão diretamente influenciadas pelo tempo e pela tecnologia. Assim, nos tornamos sujeitos produtores,

Um sujeito que reconhece a si mesmo como produtor de conhecimento, mas no duplo sentido do termo: sujeito que age, sim, construindo alternativas conceituais, mas que também sabe estar sujeito a seus próprios pressupostos, e que por isso procura, tanto quanto possível, explicitar não apenas as suas estratégias – ou políticas – de leitura, mas também as suas estratégias – ou – políticas de eleição e construção de objetos de pesquisa. Um sujeito produtor de conhecimento que reconhece a si mesmo como participante ativo de circuitos comunicativos e de processos de atribuições recíprocas de identidades. (VERSIANI, 2005, p. 234).

Vale ressaltar que o conceito de “eu” muda de acordo com cada época, cada cultura e cada local. E

⁶ Tradução Livre: implicam que a cultura é sobre o funcionamento psicológico de um indivíduo isolado; em vez disso, refere-se a versões individuais de culturas de grupo que são formadas, compartilhadas, retidas, alteradas e, às vezes, por meio de interações humanas. Essas interações podem ocorrer em “comunidades de prática locais” nas quais “o que determinadas pessoas fazem [está] em mútua influência umas sobre as outras à medida que se associam regularmente”.

talvez, por este mesmo motivo a própria etnografia também tenha vivenciado sua crise (CHANG, 2008; REED-DANAHAY, 1997; ELLIS, 2009; VERSIANI, 2005; HOLT, 2003; SMITH-SHANK&KEIFER-BOYD, 2007). Porque os conceitos também vão se modificando.

O registro da mudança na autoetnografia, assim como na autobiografia, é um aspecto importante desta metodologia. Nem sempre encaramos a mudança como algo positivo, pois ela desconstrói certezas, reafirmando o caráter dinâmico das nossas histórias, e para elas devemos ter a empatia, o que para Chang (2008) é uma das bases da autoetnografia. Ao elaborar o relato etnográfico, o pesquisador deve acolher o “eu” e o “outro”, compreender este “outro” como um “eu” histórico, contextualizado, fundado ideologicamente em papéis sociais. Ele deve legitimar suas dores, escolhas, evitar o julgamento, observá-lo, descrevê-lo, explicá-lo.

Goleman (2019) compreende a empatia como uma habilidade a ser aprendida que parte da capacidade cognitiva de compreensão da realidade, mais especificamente da relação entre o “eu” e o “outro”, para o estabelecimento de laços afetivos e emocionais com ele. A narrativa autoetnográfica focaliza um processo ainda mais profundo, pois o “eu” cientista funda-se uma relação com o “eu” objeto, agora o “outro”. Por isso, a autoetnografia é um método extremamente desafiador por ser um mergulho profundo não somente na história individual, mas na história, no contexto cultural. É uma compreensão delicada acerca de uma sensibilidade social não entendida por todos, ainda que vivenciada. É a ciência da consciência. É assumir-se como sujeito, como parte, como humano.

No processo de escrita autoetnográfica, empatizar-se consigo é um aspecto fundamental para a interpretação da história e da cultura, pois o “eu” etnógrafo encontra o “eu” objeto contextualizado temporalmente, espacialmente, historicamente, e precisa compreendê-lo, acolhê-lo. Desse modo, a empatia é a chave para a construção das narrativas autoetnográficas para compreensão das culturas. E ainda, se fizéssemos uma revisão da literatura como o fez Carolyn Ellis encontraríamos cada vez mais na

antropologia textos autoetnográficos e isto certamente é também produto da cultura contemporânea. O “eu” não pode existir sozinho. Nós vivemos em sociedade. Portanto a cultura é fruto dos ‘eus’ e dos ‘nós’.

In addition to genuine encounters, a true understanding of others also requires empathic understanding. [...] Empathic understanding is an act of putting aside one’s own framework and “seeing [others’] experiences within the framework of their own (GEERTZ, 1984, p.126). Although perfect verstehen is beyond our human capacity, attempts to empathize can reduce incorrect judgments about others and enhance rich understanding of strangers. [...] These steps of understanding are equally helpful in understanding others of both similarity and difference. (CHANG, 2008, p.27).⁷

Assim, a capacidade da autoetnografia assumir a empatia como passo importante da pesquisa, gera um duplo desafio: levar o pesquisador a entender que ele pode ser objeto e levar a ciência a se reinventar mais humana, pois são nas histórias que contamos, nas fotografias que tiramos, vídeos que publicamos, que estão refletidos os traços da nossa identidade e da nossa cultura, dos múltiplos papéis que assumimos, enquanto mulheres.

1.1 Nós mulheres: aspectos cognitivos e sociais da representação do nosso gênero

*Podemos falar?
Você pode nos ouvir?
Quem sabe se nós pararmos para
prestar atenção uns nos outros, a
gente constrói alguma coisa juntos?*

Lakoff (2008), linguista interessado nos processos de categorização, escreveu “Mulheres, fogo e coisas perigosas: o que as categorias revelam sobre a mente” obra fundamental para a compreensão da natureza dos estereótipos, mais especificamente sobre os

estereótipos femininos. Na obra, o autor ressalta que a figura feminina é, em muitas culturas, representada como perigosa, suas qualidades geralmente são associadas ao seu poder de criação e de sedução. Mais recentemente, o autor criminalista Carlos Bacila (2013) atenta para o fato que muitas mulheres são aprisionadas em diversos estereótipos, que podem estar amalgamados, dificultando, assim, a sobrevivência de uma imagem ileso daquilo o que lhes é associado culturalmente.

Portanto, os corpos femininos apresentam duas dimensões que compõem o estigma. A dimensão objetiva seria o próprio corpo feminino e toda a sua potência, os traços, a capacidade de gerar filhos, amamentá-los, a tonicidade da voz, o estilo, os gestos que as mulheres manifestam; e atrelada a ela, como sombra adjetivada, a dimensão subjetiva, pela qual corresponde a associação a este corpo e a sua potencialidade. Na dimensão subjetiva vemos a reprodução de conceitos, como maternidade, feminilidade, suavidade; e de preconceitos, como incapacidade, sensualidade exacerbada, subserviência, objetificação; animalização, entre outros.

Note-se que a criação de conceitos e preconceitos está intimamente relacionada a capacidade humana de agrupar cognitivamente aspectos culturais, sociais, históricos e afetivos em categorias para facilitar o seu convívio e as suas relações. A grande diferença entre os conceitos e os preconceitos é que os primeiros não carregam atributos negativos compartilhados socialmente, mas como aos preconceitos, os conceitos aprisionam os sujeitos, os condenam, os reduzem àquilo que são referidos, mesmo que sejam aspectos positivados socialmente. Por isso, costumamos ouvir e ler: “isso é coisa de mulher”; “mulher só serve para...”; “mulher não pode...”; “mulher deve...”. O processo de caracterização do gênero feminino pode ainda sofrer mais preconceitos a depender da raça, da orientação sexual, do peso, da idade, e da profissão desta mulher.

Cabe ressaltar que a propagação em massa sobre esses estereótipos acaba por reverberar um forte movimento de violência, seja física, psicológica ou cultural levando a construção de sistemas sociais econômicos e culturais arbitrários, que muitas vezes provocam injustiças inconstantes e naturalizadas pelo machismo estrutural fundado no patriarcalismo.

⁷ Tradução Livre: Além de encontros genuínos, uma verdadeira compreensão dos outros também requer compreensão empática. [...] A compreensão empática é um ato de deixar de lado a própria estrutura e “ver as experiências [dos outros] dentro da sua própria estrutura (GEERTZ, 1984, p.126). Embora a empatia perfeita esteja além da nossa capacidade humana, as tentativas de empatia podem reduzir julgamentos incorretos sobre os outros e aumentar a compreensão de estranhos. [...] Esses passos de compreensão são igualmente úteis para entender os outros tanto de semelhança quanto de diferença. (CHANG, 2008, p.27).

É inegável que nas nossas ações, gestos, palavras, imagens que escolhemos para nos representar está em alguma medida celebrando o sistema patriarcal ao qual, nós brasileiras e nordestinas fomos criadas.

[...] Walby (1989), opta pela definição mais inclusiva. Ela caracteriza o ‘patriarcado’ como “um sistema de estruturas e práticas sociais em que os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres”. Todavia, ela faz uma subdivisão em seis categorias: a exploração do trabalho das mulheres por seus maridos; as relações no âmbito do trabalho remunerado; o Estado; a violência masculina; a sexualidade; e, finalmente, a cultura. Como boa socióloga, ela nega qualquer papel à biologia. “Patriarcado pertence totalmente a ordem social”. (LOVELL, 1996, apud CAMURÇA, 2007, p. 7).

Aqui destacamos a cultura machista que existe no Ceará, estado da região nordeste onde nascemos e crescemos. Como mulheres cearenses, observamos que muito do que aprendemos como sendo certo e errado está permeado pelas relações patriarcais, pelas quais a mulher deve saber se portar, falar, saber o seu lugar no lar. Sabemos que tivemos a oportunidade de construir experiências diferentes de nossas ancestrais, mesmo assim não deixamos de lidar com a dureza do silenciamento cotidiano que ainda persiste, especialmente se as mulheres não têm as mesmas oportunidades que tivemos.

Embora sejamos privilegiadas, afinal somos professoras, estudamos em boas escolas, temos cursos de pós-graduação, a vida para mulheres, como nós, nordestinas, pardas é uma jornada de luta constante. O sistema simbólico das relações humanas, ao qual estamos inseridas, pelo qual permeiam os diferentes eixos da nossa existência (identidade pessoal, profissional) precisam garantir que nós estejamos sempre lutando para superar o “outro”, que pode ser o homem, mas que também pode ser outra mulher ou nós mesmas, influenciadas pelas pressões constantes da nossa cultura. Esta busca constante pela adequação gera um desgaste físico e emocional constante, pois crescemos apreendendo que nunca seremos boas, jovens, velhas, magras, e brancas o suficiente.

Sobre a questão racial, Silva (2009) comenta que as mulheres negras são ainda mais prejudicadas, pois, são elas que, embora se esforcem mais, estudem mais,

são elas que têm os empregos que pagam menos, que precisam deixar seus empregos para assumir a posição de cuidadoras, e caso sejam enquadradas em crimes, passam mais tempo na prisão.

São as mulheres também aquelas que lutam mais. Segundo Santos e Oliveira (2010) as mudanças conquistadas pelas Associações de Mulheres Revolucionárias, União Social e Política das Mulheres, grupos feministas, a marcha do 8 de março institucionalizando o reconhecimento da luta feminina de uma maneira universal como a instauração do casamento civil, legalização do divórcio, direito ao voto, maior proteção a maternidade, Lei Maria da Penha, Delegacias de Proteção Especial a Mulher, dentre outros. Ou seja, historicamente a mulher por meio de grupos conquistou uma série de direitos, mas ainda estamos distantes de um sistema justo.

A busca por igualdade de salários e funções no mercado do trabalho ainda são injustas entre homens e mulheres, como aponta o estudo publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2014; a referida pesquisa demonstrou que nas regiões norte e nordeste do Brasil, entre os anos de 2000 e 2010, houve um aumento na disparidade de rendimento entre homens e mulheres, sendo os homens àqueles que ganham mais e ocupam melhores cargos no mercado de trabalho.

A dominação masculina foi construída historicamente, como afirmam Santos e Oliveira (2010) afetando a mulher socialmente, historicamente e politicamente e compreender o percurso histórico das relações de gênero dentro do contexto mais amplo na sociedade, economia, cultura e política pode nos possibilitar enfrentar as novas lutas a que estamos inseridos.

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. (SANTOS e OLIVEIRA, 2010, apud ANTUNES 1999, p. 109).

Como forma de enfrentar o sistema opressor, é necessário que as mulheres busquem cada vez mais amplificar a participação na política. Ainda temos avançado de maneira lenta e assumidos poucos lugares sociais. Mas avançamos e dessa maneira construímos coletivamente.

As mulheres líderes são mulheres que assumem papéis de liderança nas comunidades e instituições, sendo no nosso caso, mulheres comuns líderes de movimentos sociais mobilizados em torno de projetos políticos marcados pela noção de feminilidade. [...] as mulheres líderes são escolhidas como representantes pela liderança de sua comunidade, ficando responsáveis pela formação do grupo de mulheres e manutenção deste. (OLIVEIRA, 2005, p.54).

O lugar que a mulher ocupa na sociedade contemporânea é vulnerável, conflituoso e instável. Num contexto político que andou passos para trás na integridade e saúde da mulher, os sistemas de dominação são antigos, e ainda existem em maior ou menor grau em algumas culturas. Assim como a presença de mulheres que transformam a história, que conquistam espaços sociais, que se diferenciam pela sua personalidade. Mulheres que se representam umas nas outras, por histórias em comum, por histórias diferentes, mas que se veem umas nas outras. que contam e escutam suas experiências e com isto mudam o rumo da história.

O lugar que a mulher ocupa na sociedade contemporânea é vulnerável, conflituoso e instável. Num contexto político que andou passos para trás na integridade e saúde da mulher, os sistemas de dominação são antigos, e ainda existem em maior ou menor grau em algumas culturas. Assim como a presença de mulheres que transformam a história, que conquistam espaços sociais, que se diferenciam pela sua personalidade. Mulheres que se representam umas nas outras, por histórias em comum, por histórias diferentes, mas que se veem umas nas outras. que contam e escutam suas experiências e com isto mudam o rumo da história.

2. A nossa ocupação na rede social

*Você não percebe?
Somos nós ali.*

Escolhemos o Instagram como lócus da nossa pesquisa autoetnográfica por dois motivos: porque usamos esta rede social com frequência; e porque este site de rede social é um dos mais populares entre as mulheres brasileiras atualmente, como indicou a pesquisa realizada pela Capterra.

Os sites de redes sociais, como indica Recuero (2017), reúnem sujeitos disponíveis para compartilhar diferentes tipos de conteúdo e conhecimento. Sobre isso, Pierry Levy (2003, p. 28) propõe o conceito de inteligência coletiva balizado pelos pressupostos do rizoma social. Segundo o filósofo, a inteligência coletiva é “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”. Segundo ele, a internet seria capaz de tornar tangível a conexão entre pessoas, as quais poderiam compartilhar suas experiências, de modo a tornar possível criações colaborativas e transformadoras da sociedade. Ele não estava errado. Na última década presenciamos o desenvolvimento da web semântica que permitiu, entre outras coisas, que esses coletivos inteligentes se mobilizassem em prol de movimentos sociais, inclusive, feministas, marcando a quarta onda do movimento (DA SILVA; DO CARMO; RAMOS, 2021).

Neste palco de possibilidades, nos sentimos convidadas a atuar como modelos da nossa própria vida, narradoras da nossa história, de como queremos nos apresentar ao mundo em perfis nas redes sociais. Acredito que assim como acontece na presencialidade, não passamos muito tempo refletindo sobre a importância de estarmos conectadas com outras pessoas, sobre termos plateia para o que dizemos e sentimos, e sobre qual a importância dela para a nossa narrativa.

Nós simplesmente vamos seguindo e intuindo se estamos indo bem ou não, mas a rede social, diferente da presencialidade, apresenta de forma clara quem apreciou o que publicamos, quem se engajou conosco, e o silêncio de quem não reagiu a nossa postagem.

E no ímpeto pela apreciação, pelo desejo de pertença, acabamos retornando ao nosso próprio perfil diversas vezes, esperando que o “outro” nos veja, reaja a nós.

O ator pode ser também a sua própria plateia, ele fica convencido que a impressão de realidade que cria é a verdadeira e única realidade, ele prioriza e incorpora os padrões que procura manter na frente dos outros, de tal modo que a sua consciência o exige que proceda de modo adequado. (GOFFMAN, 1975, p.80).

Mas qual seria esse modo adequado? Atualmente estamos vivenciando em uma geração que cultua a felicidade (CABANAS; ILLOUZ, 2022), pela qual os padrões de comportamento devem ser essencialmente saudáveis, sendo a felicidade um resultado disso. A rede social Instagram vem desenvolvendo uma série de funcionalidades que permitem que os coletivos inteligentes possam manipular a sua própria imagem ou conteúdo multimídia de modo a ficar cada vez mais difícil perceber essa representação sem a manipulação da realidade.

Corpos, vozes e histórias estão se tornando cada vez mais ficcionais, e quanto mais ficcional, mais atraente, mais reducionista e engajante se torna a cena dos sujeitos. Lembramos aqui que a associação conceitual não é arbitrária, é impulsionada por capital simbólico e econômico e aparece de modo mais subliminar na nossa cultura e no nosso comportamento, levando-nos muitas vezes a repetir os padrões, sem nos darmos conta que também manipulamos a realidade.

3. Autoetnografia Visual: a análise das imagens

Nesta seção, vamos apresentar algumas capturas de telas de nossos perfis na rede social Instagram e através delas faremos nossa imersão autoetnográfica, seguindo os pressupostos de Chang e outros autores que julgamos importantes para comentar sobre a nossa autorrepresentação. Para a análise das imagens que postamos, pedimos licença acadêmica aos leitores e leitoras para usarmos a primeira pessoa do singular, como bem prescreve a autoetnografia.

3.1 Mãe, professora e pesquisadora

Quem sou eu?

Eu sou o que eu deixo você ver.

A primeira fotografia que publiquei no Instagram foi um pôr do sol, em novembro de 2014. Na época, como professora de comunicação, eu sabia exatamente onde estava entrando e o poder que aquela rede social teria sobre a minha vida e sobre a vida de quem quisesse me acompanhar; eu achava que sabia o *modus operandi* das redes, mas o certo é que aos poucos me deixei levar pela cena virtualizada.

Por isso, iniciei minha ocupação na rede de modo tímido, sem muita regularidade, tentando controlar minha exposição com a demonstração pública pelo meu gosto pela natureza e belezas naturais. Sempre gostei de contemplar o pôr do sol, mas me enfurecia o fato de que eu não conseguia capturar as sutilezas e intensidades das cores nas câmeras fotográficas que eu manipulava.

E foram os filtros que me conquistaram. Eu comecei a contar uma história, a história do que eu gostava sem me apresentar nela. Chen (2018) destaca que as imagens são expressões bastante importantes para a composição da narrativa, atuando como instrumentos de resgate da memória, e foi isso que eu comecei a fazer: um álbum de fotografias, momentos eternizados da vista do meu apartamento na época.

Embora frustrada com a qualidade da câmera do meu celular, persisti e usei o recurso dos filtros. Naquela época bem menos sofisticados, me davam a sensação de que com eles tornaria aquele pôr do sol mais real. Eu ficava encantada com eles e explorava as milhões de possibilidades de tornar aquele pôr do sol se tornar mais intenso na tela, tanto quanto era para os meus olhos. Era como se eu quisesse, ao rever minha foto, reaver aquela sensação. Eu não tinha noção na época, mas hoje, retornando a esta foto, abraçando este “outro”, que é o meu “eu” do passado, consigo ver que sem a intenção, eu, naquele momento, estava contando a uma história.

Figura 1: Primeiro pôr do sol



Fonte: <https://www.instagram.com/georgiamfpaiva/>

Pouco tempo depois que criei meu perfil, aconteceu a grande revolução na minha identidade, àquela que se sobrepôs a toda uma história pessoal e profissional: a maternidade. E, ainda que de modo tímido, fui mostrando no perfil a evolução da gestação, a mudança no meu corpo, na minha casa e por fim: na minha vida.

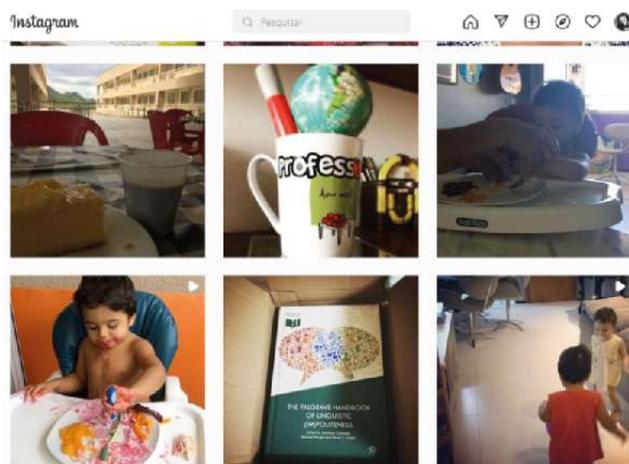
Foi somente com a chegada dos meus filhos gêmeos, que eu entendi que a rede social serviria como um diário, uma coleção de momentos eternizados. Era sedutor, rápido e fácil, eu não tinha que revelar as fotos, organizar e guardar em um álbum. Eu não tinha tempo para isso, eu precisava, assim como muitas mulheres, lidar com as demandas profissionais, maternais e pessoais, como quem é mestre em malabarismos, mas eu sou doutora em Linguística.

Em seu livro sobre maternidade e psicanálise, Nancy Chodorow discute sobre as diferentes facetas do cuidar, das relações de gênero e as responsabilidades assumidas no território privado da estrutura familiar. A feminista considera diferentes tipos de maternagem, entre eles o maternar da mulher que precisa conciliar papel profissional e pessoal. Lembro que a chegada dos filhos foi um rompimento identitário, doar-me inteira para eles no meu período de licença a maternidade foi sacrificante, um prejuízo para o meu “ideal” de mulher. Naquela época, eu rompi comigo, não me conciliei com meu “eu feminino”, não dei conta dos malabarismos, fui uma sobrevivente do ato de cuidar.

Neste contexto, o uso das redes sociais começou a se intensificar, era lá, afinal onde eu consumia as informações sobre maternidade, idealizava outras mães, era expectadora da vida delas, e a vida delas era sempre tão perfeita. E foi assim, com vontade de pedir socorro pro mundo e de contar a minha história

“sem filtros”, que comecei a intensificar as minhas postagens. A família, minha primeira plateia foi a responsável pelos primeiros incentivos e de repente fui criando um repertório de imagens e sons de uma história que eu não saberia contar, porque o meu cansaço puerperal me fazia esquecer de tudo.

Figura 2: Recorte temporal de Geórgia

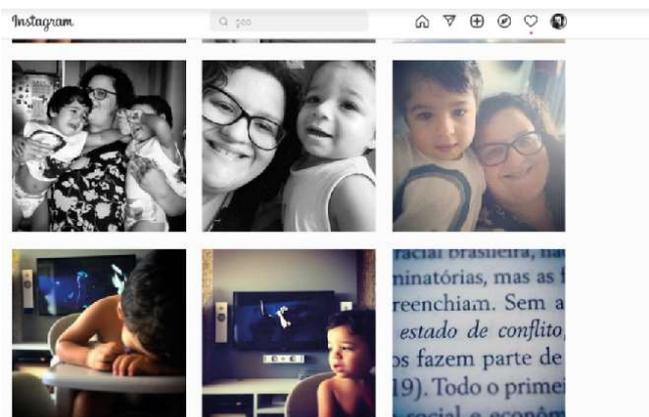


Fonte: <https://www.instagram.com/georgiamfpaiva/>

Então aquele perfil de poucas selfies e paisagens passa a ser ocupado por outros protagonistas, os protagonistas da minha vida, os meus filhos, hoje com sete anos. E de modo mais ou menos impensado, eles também vão tendo suas vidas expostas, suas rotinas, suas refeições, suas brincadeiras, seus conhecimentos partilhados, misturados ali com alguma outra parte minha que tenta se conciliar, a minha identidade profissional.

A empatia nesse processo de olhar para si como objeto da escrita autoetnográfica que Chang (2008) menciona ocorre agora de forma intensa, pois quando eu olho a história que contei e conto ali, eu busco compreender a razão pela qual eu deixei que protagonizassem e não eu?; por que a paisagem e não eu?; por que o trabalho e não eu?; por que não a minha figura?. E isso me faz refletir sobre todo o silenciamento aprendido sobre ser mulher, sobre a necessidade de ser apreciada, sobre o medo de ser violentada, excluída, julgada, por não ser o padrão.

Figura 3: Recorte temporal de Geórgia



Fonte: <https://www.instagram.com/georgiamfpaiva/>

Escolher os filhos, a paisagem, uma passagem de texto para me representar também conta uma história sobre uma necessidade de estar minimamente de acordo com um padrão, um estereótipo de mulher que seja desejada ao invés de rejeitada. Na superfície das imagens: os seguidores verão a mãe, a professora, a pesquisadora e a coordenadora do projeto de extensão, mas no interior dessas imagens está a mulher que silencia a própria imagem, e que vê, ao lado dos filhos, um lugar seguro.

Figura 4: Perfil da rede social



Fonte: <https://www.instagram.com/georgiamfpaiva/>

Com a pandemia, estar isolada fisicamente das pessoas, ter que trabalhar em casa, cuidar do ensino remoto dos filhos, cuidar da casa, cuidar da saúde mental e física da família me levou a um estado de esgotamento. Eu estava trabalhando mais do que antes, mas ninguém estava vendo, então, me obriguei a semanalmente a me fazer presente na rede social para divulgar as ações do meu projeto de extensão.

Era eu falando, convidando as pessoas, apresentando a minha imagem, o meu envelhecimento, a minha obesidade. Eu não estava preparada para toda essa exposição, me senti ansiosa quando me tornei a minha própria plateia (GOFFMAN, 1975), e juíza. Era difícil retornar a postagem e não ver reações positivas e comentários, era silêncio, e o silêncio é uma forma

de agressão (HIRIGOYEN, 2002). Naquele momento quase desfiz minha conta, mas me lembrei que ali estava a história deles, o álbum de recordação deles, e eu não tinha o direito de tirar isto deles.

3.2 Fotógrafa autoral, pesquisadora, educadora

Quem sou eu? Eu sou aquilo que nem mesmo as imagens podem explicar. Aqui apenas um fragmento das muitas possibilidades.

Para mim não foi nem um pouco difícil criar um perfil na rede social Instagram. Difícil mesmo foi suportá-lo, pois em mim pulsava e existia muito mais vida, movimento, que as imagens eram incapazes de mostrar. Uma rotina extremamente atarefada, com muitos afazeres, numa jornada mais que tripla de ser Mulher – entre profissional, pessoal e afetos. E principalmente: o afeto.

Meu primeiro perfil foi totalmente pessoal e para ser bem honesta já nem me lembro dele, e depois dele alguns outros, já que foram apagados. Este que apresento aqui é o mais antigo e o que ainda permanece. Como um álbum antigo, cujas fotos podemos trocar, retirar, guardar, decidi manter nele apenas o meu lado profissional, e é claro que ali também está implícito o meu “eu” pessoal.

Figura 5: Perfil da rede social



Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

Mulher, nordestina, cearense, artista-fotógrafa, professora universitária, coordenadora. É uma parte do que sou, parte da minha história. É isto que está posto nas redes. Comecei a trabalhar como fotógrafa ainda na adolescência, e naquela época já era reconhecida pelo meu talento na cena artística da minha cidade. Embora tivesse talento, construí minha trajetória enquanto mulher e profissional sofrendo diferentes tipos de pre-

conceitos, geralmente relacionados ao fato de ser mulher, jovem e nordestina.

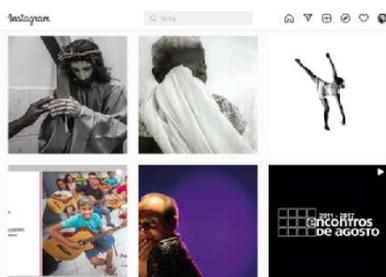
Bacila (2013) comenta sobre a amalgama dos estigmas, que pode estar internamente relacionada a interseccionalidade. Na sociedade brasileira, a juventude associada a atividade profissional não costuma ser considerada como um atributo positivo, ao contrário. O valor negativo é intensificado quando o profissional é uma mulher e do Nordeste. Na época, embora já tivesse recebido prêmios por trabalhos publicados, parecia sempre que não eram bons o suficiente porque eram feitos por uma mulher jovem e nordestina.

Até hoje, as pessoas costumam me elogiar dizendo que não pareço nordestina, cearense, que não tenho sotaque de cearense. De nenhum modo construí a minha identidade pessoal, profissional, negligenciando meus laços culturais, linguísticos e regionais, mas as pessoas buscam, acredito, compensar o meu desempenho com essa negação.

A negação da minha regionalidade sempre foi algo que me incomodou, a ponto de me impulsionar a desenvolver projetos sobre mulheres nordestinas. As minhas imagens falam muito sobre as minhas lutas, mesmo que eu não apareça nelas.

Não existem palavras ou até mesmo imagens que descrevam a batalha do dia a dia, a luta de uma mulher jovem artista sobreviver nesse país, onde o artista é sempre relegado como uma quase não-profissão e talvez escape aos estigmas por ser professora (uma profissão por vezes não respeitada, nem valorizada, ou reconhecida).

Figura 6: Recorte temporal 1

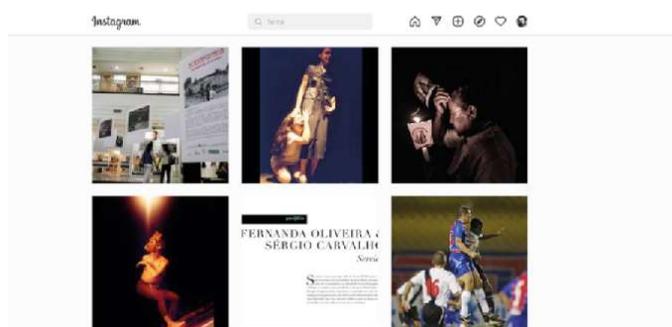


Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

Nas imagens postadas um pouco da minha rotina diária, e quem olha a imagem nunca enxerga os bastidores: produzir um trabalho autoral fotográfico para exposição e publicação de livros significa

nascimento de ideias, elaboração de projetos, busca para produção entre prêmios, patrocinadores, equipes, aprovações, execução, gráficas, prestação de contas – isto significa que a gente precisa entender de tudo um pouco. E no caminho: muitas dificuldades para uma vitória. É como um parto, um nascimento. Lá na postagem, o meu seguidor só vê o resultado final, um resumo de uma luta construída em muitas horas de esforço e dedicação plena.

Figura 7: Recorte temporal 2

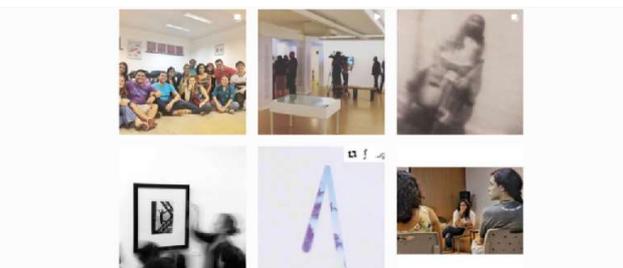


Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

Olhar para uma palestra ou uma sala de aula não se trata apenas do “meu palco” como muitos professores dizem. Para mim significa partilha, entrega, exposição. É jogar-se para uma interação cara a cara com o outro. É doar-se e enfrentar milhares de mentes diferentes da minha que ora comungam, ora contestam o que ali é apresentado.

Olhando as postagens você pode pensar: fácil ser Fernanda. E eu digo: difícil ser eu; “a grama do vizinho é sempre mais verde”, difícil mesmo é estar no lugar do outro. Ou seja, aqui, no meu lugar. Na minha vida nada caiu do céu. Entenda: não existe trabalho sem esforço, sem luta, dedicação e suor. Ensinar também demanda tempo, estudo, formação entre graduação, pós e outra pós... E assim como a minha amiga Geórgia, e, entre tantos professores, só quem honra esses títulos entende as horas de cansaço, leitura, choros e conquistas dos diplomas. A maestria e magia que é estar numa sala de aula para falar, ouvir e acolher o aluno.

Figura 8: Recorte temporal 3



Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

Com o resultado do meu trabalho como fotógrafa, muitos outros palcos foram surgindo. Participação em programas televisivos, oportunidades de trabalho. A exposição fez do meu caminho um oceano de possibilidades, e eu estava ali vivendo intensamente muitas delas. Mas e as consequências disto? Em meu trabalho eu sempre tive o cuidado de ter a minha imagem, a minha vida por detrás das lentes. Eu sempre escolhi as histórias das gentes que estão nas fotografias para dar dignidade e voz a esses personagens sociais que muitas vezes são invisíveis.

Estar à frente de uma instituição significa assumir todas as responsabilidades que isso traz: são horas de trabalho, são finais de semana longe dos afetos, finais de semana perdidos e ganhos no ganha pão da vida. Coordenar exposições fotográficas por anos foi um desafio, afinal, uma exposição não se monta sozinha, matérias de jornais não saem sozinhas, entrevistas não nascem prontas. E as palavras, o conhecimento, o trabalho com a equipe, os “sim’s”, os “não’s”, que nem todo mundo vê. Os silêncios, os gritos, as vaidades que temos que enfrentar no dia a dia e que o espectador não tem consciência do mundo que cerca a produção de um trabalho e a manutenção de um emprego. Foram precisos muitos “não’s” para um “sim”. Para o resultado de cada trabalho.

Figura 9: Recorte temporal 4



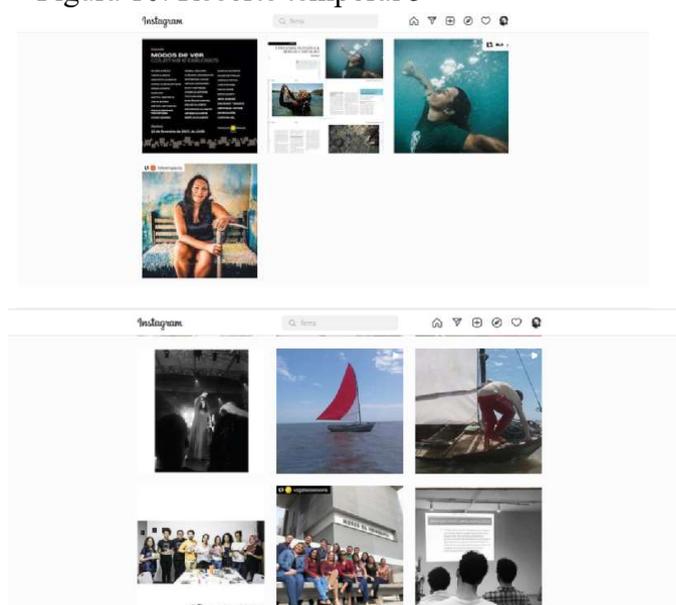
Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

É bater de porta em porta para fazer aquilo que você acredita. Projetos de extensão numa Universidade não é nem de longe algo simples de se realizar, coordenar um museu é tarefa para “Leão”, no caso, “Leoa” que se joga em meio a uma vida selvagem e ou você tem amor no coração para o que faz ou você não se realiza nessas rotinas.

“Dizem que a mulher é um sexo frágil, mas que mentira absurda” (Erasmus Carlos).

Eu sou esse sexo frágil que você olha na tela. Me chamo Fernanda. E tenha certeza, muitas vezes fui tratada dessa maneira: como um sexo frágil. Mas não mudaria nada, pois se nascesse de novo pediria a Deus para vir novamente Mulher. E quantos homens e quantas mulheres me ajudaram a levantar, e acima de tudo a me manter em pé.

Figura 10: Recorte temporal 5



Fonte: https://www.instagram.com/fernanda_oliveira_fotografia/

Considerações Finais

A autoetnografia visual, mais que um método de pesquisa, é um caminho para a autorreflexão e acolhimento de um ser histórico e social, cuja dinamicidade se impõe efêmera marcada por um “eu” objeto (passado) e um “eu” cientista (presente). A construção da identidade desse “eu” é assinalada por um sistema de representação cultural (HALL, 2006), que ali embricado emerge da necessidade de pertencimento. Esse diálogo, embora espacialmente curto, não é nada fácil, pois não é fácil reconhecer em si, fragmentos de um “eu” que já existiu ou que foi simplesmente apresentado em imagens estáticas que contam muito e quase nada, ao mesmo tempo.

Em um contexto de cibercultura, permeado por comunidades de interesse, nós, duas mulheres professoras e nordestinas fizemos diferentes usos do mesmo site de rede social, mas nele encontramos espaço para apresentar aquilo que julgamos o que melhor nos define. Muito do que postamos também está imbricado a nossa cultura, às lentes com as quais crescemos e nos tornamos mulheres. A escolha de cada imagem demonstra uma necessidade de aprovação, apreciação, visibilidade, pertencimento. Ora, se não somos o padrão, como devemos nos mostrar? Decidimos nos mostrar em imagens “seguras”, nos escoltamos por trás das histórias que contamos.

Neste artigo, nós apresentamos um pouco do nosso percurso autoetnográfico sobre a forma como nos representamos no Instagram. Nossa história, contada em primeira pessoa através de imagens, nos relevaram sentimentos e memórias que estavam veladas pelas nossas imagens, obras, vitórias e conquistas, nos mostraram a fragilidade das imagens e como elas não nos representam na totalidade.

Nossas linhas do tempo analisadas sob o viés da autoetnografia demonstram o que chamaremos aqui de catarse, um estado de libertação, de transformação de uma série de violências vivenciadas por meio de uma cultura que nega, subjuga e objetifica a Mulher. Nós silenciemos a dor que sofremos ao sermos estigmatizadas por sermos mulheres jovens, mulheres nordestinas, mulheres pardas, mulheres mães que não estão em conformidade com o padrão, por isso preferimos mostrar o nosso trabalho, os filhos, uma refeição. Crescemos ouvindo de homens e de mulheres que sempre depois de um elogio existe um “mas”,

e que o lugar íntegro da não ofensa nunca chega a nossa vida. E para sobreviver a este mundo repleto de violências sutis, nos representamos evitando mostrar nossa própria imagem ou quando nos mostramos em público, deixamos eles protagonizarem a nossa cena.

O olhar autoetnográfico para a história que contamos nestas imagens postadas no site de rede social nos fez enxergar que os nossos “eu’s” situados historicamente mascararam nossas próprias imagens, porque estávamos convencidas de que a exposição delas seria demais, que o silêncio e os discursos dos outros, que não os nossos, sempre poderiam invadir aquele território, que criamos para ser um lugar seguro.

Referências Bibliográficas

- ALLPORT, Gordon W. The nature of prejudice. New York: Basic books, 1979. AMOSSY, R. PIERROT, A.H.. Estereótipos e clichês. São Paulo: Contexto, 2022.
- BACILA, Carlos Roberto. Criminologia e estigmas: um estudo sobre os preconceitos. São Paulo: Atlas, 2015.
- CABANAS, E.; ILLOUZ, E.. Happycracia: fabricando cidadãos felizes. Tradução Humberto de Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- CAMURÇA, Silvia. ‘Nós Mulheres’ e nossa experiência comum. Cadernos de Críticas Feminista, Número 0, Ano I, Recife: SOS CORPO, 2007. Disponível em: https://soscorpo.org/wp-content/uploads/NosMulheres_e_nossaexperienciacomum_SilviaCamurca2007.pdf. Acesso em: 12 de maio de 2022.
- CAPTERRA. Pesquisa mostra Brasil na frente de outros países no uso de aplicativos de mensageria. Disponível em: <https://www.captterra.com.br/blog/3007/uso-redes-sociais> Acesso em: 20 de outubro de 2022.
- CHANG, Heewon. Autoethnography as method. United States of America: Left Coast Press, 2008.
- CHODOROW, Nancy. Psicanálise da Maternidade: uma crítica de Freud a partir da mulher. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1991.

- DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/direitoshumanos/article/view/7948/pdf> Acesso em: 23 de outubro de 2022.
- ELLIS, Carolyn. Revision: autoethnography reflections on life and work/ Caroly Ellis. P.cm – (Writing Lives: ethnographic narratives). United States of America: Left Coast Press, 2009.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Nova Jersey: Prentice-Hall, 1963.
- GOFFMAN, E.. A representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GOLEMAN, Daniel. O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- HIRIGOYEN MF. Assédio moral: a violência perversa no cotidiano. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2002.
- HALL, S.. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOLT, Nicolas L. Representation, Legitimation, and Autoethnography: An Autoethnographic Writing Story. *International Journal of Qualitative Methods* 2 (1) Winter, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil. 2ª edição. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=downloads> Acesso em: 22 de outubro de 2022.
- KOCH, Ingedore. O texto e construção dos sentidos. 10ª. Ed. – São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- LAKOFF, George. Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago press, 2008.
- LÉVY, P.. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- OLIVEIRA, Fernanda. Mulheres Líderes no Sertão Central do Ceará. Fortaleza: Tempo D’Imagem, 2007.
- RECUERO, Raquel. As redes sociais na Internet e a Conversação em Rede. Alagoas: Ciseco, 2012.
- RECUERO, Raquel. Introdução à análise das redes sociais online. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24759/4/AnaliseDeRedesPDF.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2022.
- REED-DANAHAY, Deborah E. Auto/Ethnography: rewriting the Self and the Social. New York: Berg. 1997.
- SANTOS, Silvana Mara de Moraes; e OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. *Rev. Katál. Florianópolis*. V. 13, n. 1, p.11-19,